

ALBERTO SOARES DE ALMEIDA

O MÊS de novembro de 1954 assinala um acontecimento de importância excepcional para a vida artística de São Paulo e do Brasil, sobretudo no campo da música: a criação do Movimento Ars Nova. O fato é tão inovador e de um significado tão alto que, neste momento em que o Grupo se prepara para comemorar com um festival o seu segundo aniversário, bem merece um exame especial das condições em que se deu, do objetivo visado pelos seus promotores e das realizações já levadas a efeito. Esta nota tem, pois, um duplo sentido: chamar mais uma vez a atenção do público e, ao mesmo tempo, homenagear um grupo de jovens que tem demonstrado pela música uma dedicação exemplar e comprometida, das mais puras e desinteressadas de que há notícia.

A ideia nasceu entre quatro alunos da Escola Livre de Música que Koellreutter fundou e dirige há vários anos em São Paulo. Hans-Joachim Koellreutter é nome já incorporado à história da música brasileira. De origem alemã, radicou-se no Brasil desde 1937. Compositor e flautista, além de músico de severa formação técnica, discípulo de Kurt Thomas e Hindemith em Berlim e de Scherchen e Marcel Moyse em Genebra, Koellreutter salientou-se entre nós por uma intensa atividade pedagógica e cultural, não só em São Paulo como em todo o País, que percorreu de norte a sul. Possuindo sólidos conhecimentos histórico-musicais do classicismo, suas preocupações se orientaram, contudo, no sentido de divulgar entre as faixas menos conhecidas da música: a primitiva e a contemporânea. Fundando em 39 o grupo Música Viva, tornou-se o chefe incontestado da escola que introduziu o dodecatonismo no Brasil. Por ocasião de seu regresso de uma viagem à Europa, foi homenageado com um festival promovido pelos alunos da Escola Livre. A técnica dele, a de Carl Veigel, de Carvalho, Dieter de Freitas Borges, Diogo Pacheco e Klaus Richter Wolf — coube à execução de várias peças para quarteto vocal. O êxito foi tão grande que surgiu a ideia de efetivá-lo, dando-lhe existência permanente. O quarteto começou logo a ensaiar e, depois de longos meses de trabalho, fez sua primeira apresentação no Gremio Bela Bartok, a 2 de outubro de 54, interpretando música da renascença espanhola e francesa. Durante esse mês o movimento ganhou corpo e se concretizou afinal num manifesto lido em 18 de novembro no Salão de Letras e Artes de D. Carmen Dolores Barbosa, data essa que marca o lançamento oficial do Movimento Ars Nova. Assim esse manifesto, além de reunir elementos do quarteto, mais os seguintes, como representantes de outras artes ou grupos: Carmen Dolores Barbosa, Alfredo Mesquita, Gianni Ratti, Sanson Flexor e Willys de Sousa Castro. As diretrizes essenciais são estas: a) divulgar, sem intuito comercial e mediante uma produção honesta e seriedade, tudo aquilo que, no terreno da música, seja qual for sua corrente estilística, tenha real valor; dar, no entanto, preferência à música contemporânea e à medieval e renascentista, no sentido de uma experiência estética totalizadora, comprometida pela rotina unilateral dos conservatórios e da maioria dos programas de concertos; b) manter sempre em contacto com os mais avançados grupos artísticos do momento, visando um intercâmbio e

uma colaboração íntima da música com as outras artes; c) realizar, com regularidade, concertos, espetáculos, conferências e debates, e repertórios em residências particulares ou pequenos auditórios; d) proporcionar a colaboração artística, intelectual e financeira ou moral, de todos aqueles que se dispuserem a partilhá-la com o movimento.

Embora o programa não seja, à semelhança do que já se propuseram tantos outros grupos generosos, fenececido após curta duração, a verdade é que, pelo menos no campo da música e enquanto as outras artes aguardam, o conjunto já traduziu em termos concretos a sua difícil vocação pioneira, assegurando ao fim de dois anos um acervo de realizações que aponta pelo numero e a qualidade. Efectuou o Ars Nova nada menos de quarenta e duas apresentações, em teatros, casas particulares, estações de rádio ou televisão, sociedades e clubes, na Capital, no interior do Estado e no Rio de Janeiro. Fiel à sua missão de nos devolver sobretudo a música nova, ou seja, a moderna e a antiquíssima, esta infelizmente — será nós tão inedita como a primeira, os programas dos concertos revelam um acerto e uma finura na escolha que carece ressaltar. Na relação seguinte estão incluídas resumidamente as principais contribuições da Idade Média e Renascença: canto gregoriano (Te Deum, Gradual — Christus factus est pro nobis); peças diversas em forma de "organum", motets, romances, cantos, baladas, "chansons"; composições de Josquin des Prez, Pierre de la Rue, François Regnard, Claudin de Sermisy, Thoinot Arbeau, Passereau, Gilles Binchois, Guillaume de Machaut e outros da renascença e da Idade Média francesa; obras do Cancioneiro Musical de Palácio (renascença espanhola); Leonard Lechner, Melchior Franck, Hans Leo Haastler e vários anônimos da renascença alemã; números do Cancioneiro de Upsala, também da Espanha renascentista; William Byrd, John Bull, Thomas Morley, John Dowland, Thomas Tomkins, John Wilbye e outros, da renascença inglesa; rônods do trovador medieval Adam de la Halle e obras do holandês Sweelinck, um dos últimos mestres da renascença. Dentre os compositores há 22 nomes, dos quais os próximos de nós, dos séculos 17 e 18, foram dados: Buxtehude (cantatas), Lully, Couperin, Padre Michel Angelo Rossi (peças diversas), Henry Purcell (Lamento de Dido, Ninfas e Pastores), Johann Mattheson (Sabandia e variações, Giga). A música moderna esteve representada no seguinte modo, além de outros autores: Debussy (En blanc et noir), Milhaud (Scazzanache), Stravinsky (Credo, Pater Noster, Ave Maria), Prokofiev (Sonata op. 28), Bela Bartok (14 dias para violinos, Sonata para dois pianos e percussão), Schoenberg (Cinco peças para piano op. 23), Webern (Variações op. 27, coro final da Cantata op. 31), Olivier Messiaen (Vingt Regards sur L'Enfant Jésus, esta suite para piano de que foram executados três trechos: Regard du Père, Regard de l'Étoile, Regard du Temps), Hindemith (Seis canções sobre poemas de Rilke), Koellreutter (Música 1941, Quatro "systatica" para flauta solo), Claudio Santoro (Sonata para violino solo), Damiano Cozzella (três canções sobre poemas de amores, de Ovidio), Ernst Mahle (Et ostendit mihi).

Para a realização desse vasto movimento o Movimento se serviu, de início, de seu quarteto original. Com o desenvolvimento da iniciativa e sua afirmação crescente, outros elementos foram atraídos, dando origem a combinações diversas. O alaúde e a flauta de bico, que intervêm em certas peças, chamaram

os respectivos instrumentistas. E a natureza de outras obras, exigindo o piano, a flauta, o cravo e o violino, determinou a colaboração de intérpretes varios, especialmente convidados. Assim, além dos nomes já referidos, achamos associados aos dois primeiros anos de vida do Grupo muitos outros. A maioria colaborou esporadicamente, em um ou outro concerto; alguns se incorporaram ao Ars Nova e constituem hoje seu quadro permanente.

A base do movimento continua sendo representada por conjuntos vocais: atualmente um quarteto, um sexteto e um madrigal. A finura e o bom gosto de suas interpretações se somam ao elevado critério seletivo das obras. Pondo de lado, decididamente, todo o espírito de improvisação e o arrivismo que em geral caracterizam entre nós iniciativas desse gênero, o grupo tem trabalhando com um rigor positivamente germânico: um trabalho sério, ídneo, obstinado, sem descanso, guiado por um profundo conhecimento estético e técnico das obras e concretizado através de amplo domínio dos meios de execução. Para se ter uma ideia da severidade artesanal que se impuseram estes jovens, basta este episódio: o "Et ostendit mihi" de Ernst Mahle, que dura apenas

acabamento interpretativo de nível internacional. Boas vezes individuais, fusão perfeita de timbre e intensidade, segurança no ataque das frases, afinção, firmeza rítmica, diction correta, estado de espírito que equilibra das linhas melódicas segundo as exigências dos textos, uso adequado do colorido, assimilação íntima do estilo e da substância expressiva das obras — tudo isto deu ao conjunto uma autoridade, uma corção geral, uma liberdade criadora tão aguçada e autêntica que se pode afirmar, sem receio, constituir-se o mais perfeito agrupamento vocal de câmara já surgido no Brasil, se a seus méritos acrescentarmos a validade integral de um repertório sem concessões.

Acontecimento de tal relevância haveria de provocar fundo impressão na crítica e no público, como aconteceu: críticos eminentes, como Caldeira Filho, Eurico Nogueira Franca, Andrade Muricy e outros, dedicaram ao Grupo seu apoio e entusiasmo. Muricy, traduzindo aliás, uma impressão que era geral, confessou seu ceticismo antes de iniciado o primeiro concerto que ouviu. Tão inabitual e rara lhe parecia a manifestação, feita apenas de música velha e da novíssima, que nada esperava dela. E, com a experiência de longos anos de exercício, o grande crítico

popular pelo repertório clássico-romântico, que constitui a matéria central e inamovível dos programas usuais, e, de outro, a falta de publicidade. Quanto a esta, é um assunto que o Ars Nova não se pode permitir por absoluta falta de recursos. A bela impressão gráfica dos programas, e alguns cartazes, são fruto da colaboração espontânea de dois elementos: Willys de Castro e Hercules Barreto. E é tudo. As dificuldades financeiras, enormes, têm sido superadas unicamente pela obstinação com que o Movimento perseguia o ideal que se propôs. Sem qualquer ajuda oficial, seus componentes têm recorrido ao próprio bolso, ou ao auxílio eventual de alguns amigos, para custear despesas as mais elementares. E é oportuno lembrar os Poderes Públicos a respeito do fato, pois a tarefa nobilitadora do público e o caber também estranhar, não menos, o silêncio de certos críticos, acertando dessa forma um dos poucos meios de divulgação ao alcance do Movimento, pelo esse que não lhe pode ser negado, como dever de estrita justiça. Essa intervenção vigilante e orientadora do crítico é tanto mais indispensável quanto se reconhece a necessidade de introduzir no gosto do público uma cunha amplificadora, que lhe aumente a visão atual dos fatos musicais, no sentido de uma experiência estética mais completa. A rotina dos repertórios em uso tem subtraído o conhecimento de obras importantes. Se, quando à música contemporânea, esse alheamento, embora não se justifique, é mais fácil de explicar — falta de perspectiva histórica, deficiência de boa informação, hermetismo da arte moderna — o mesmo não sucede quanto à fase primitiva. Abundantes são os textos editados e a respectiva discografia, a qual tem conhecido, mesmo em forma singular, não se justifica mais, por conseguinte, o preconceito de que o medieval e o renascentista constituem matéria apenas para o erudito, o professor, ou o curioso. Sabe-se hoje que esse passado possui também, ao lado de sua importância histórica, grande número de obras de um valor musical intrínseco e independente de seu interesse arqueológico. O Adam de la Halle, um Du Fay, um Josquin, um De Lassus, são criadores autênticos, de primeira grandeza. Ignorá-los não é mais possível. E a oportunidade que nesse sentido o Ars Nova oferece ao público de São Paulo é excepcional. O Grupo está preparando para o primeiro mês de novembro, um festival comemorativo de seu segundo aniversário, constante de quatro concertos, às 2-as-feiras, no Teatro Brasileiro de Comédia, com o qual o Ars Nova — graças à inteligência e compreensão de Franco Zampari — firmou um ajuste com direções e deveres recíprocos, entre os quais o de se utilizar do auditório do Teatro. Assim, tem agora o Movimento sala regular de concertos; os próximos, a cargo do Madrigal, incluem como sempre obras do mais alto nível. Além das de compositores já citados, serão ouvidas peças de Dunsable, Gesualdo, dos madrigalistas italianos, bem como numerosos do repertório para flauta do século 13.

O exemplo do Ars Nova é um fenómeno que intriga e suscita até o pasmo. A dedicação com que estes moços vêm vivendo um ideal de arte, gratuito e severo, sem vaidades pessoais, sem o brilho de aparecer e banido todo o espírito de estelismo; uma dedicação que os toma por inteiro e lhes enche a vida e a alma, e os condiciona, educando, uma dedicação assim, sem pouso e sem limite, apresenta nos dias que correm um sabor inusitado e comovido. E anacronico. Talvez o anacronismo da própria capacidade de sonho e de ideal neste triste, desencantado mundo nosso, de onde parecem ter deserdado o amor e a beleza.



Um ensaio da Madrigal "Ars Nova", que intervirá no Festival de novembro, constante de quatro concertos, às segundas-feiras, no Teatro Brasileiro de Comédia. Da esquerda para a direita: Egon Lemynt, Maria Játé de Carvalho, Alfredo Albert, Mirtes Vagnotti, Willys de Castro, Adriana Lys, Amílcar Ribeiro, Shirley Mary Dronsfield, Diogo Becheco e Carlos Augusto Brito.

alguns minutos, consumiu dezesseis meses de ensaio. Este amor infatigável pelo pormento, este aprimoramento, esta exigência, revelam tanto quanto a inclinação para o primitivo e o moderno, a influência de Koellreutter e do ambiente da Escola Livre, por esse motivo rapidamente evocados no começo desta nota. Tais qualidades, a serviço de uma intuição musical incontestável, levaram a resultados surpreendentes. Não sei se os moços do Ars Nova se deram plena conta de seu valor, tal sua modestia, seu trabalho grave e silencioso, sua total aversão ao brilho e ao aplauso como objetivos do artista; mas nos rônods de Adam de la Halle, por exemplo, ou nos Cancioneiros de Upsala e de Palácio, certas obras atingiram uma finura e um

se preparou, com certeza, para mais um desses concertos em que muito se levou o esforço e as boas intenções, enquanto se "olha" a mediocridade. "Logo porém" a confiança chegou, que se foi acrescentada, e, por fim, ela nos levou ao apriso, e ao "lavor". A assistência, pouco numerosa talvez por falta de maior publicidade, era, entretanto, de qualidade. Interessou-se; entusiasmosse. Essas palavras refletem um julgamento unânime e parvamente um dos mais e mais sérios críticos musicais que o Brasil tem tido, constituem testemunho suficientes. Audiências pequenas, mas entusiasmadas, têm sido, com efeito, o público do Ars Nova. Seu pouco numero não explica por razões óbvias. De um lado, a sabida preferência